

A CULTURA DE BREVES-MARAJÓ EM TRANSFORMAÇÃO: o processo histórico

Elenise Pinheiro Ramos¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo expressar o processo de transformações culturais ocorridas na cidade de Breves-Marajó. Mostrando os impactos no cotidiano, nos costumes e nas relações entre os habitantes da cidade para com a cultura local, e os fatores que impulsionaram essas transformações, relatando que estas foram e ainda são frutos do processo capitalistas econômico implantando em localidade não desenvolvidas, sendo estas alvos da implantação de grandes empreendimentos econômicos, devido à regiões, como Breves, se caracterizarem como polo de mão de obra e produtora de matéria-prima à baixo custo.

Palavras-chaves: Cultura. Economia Local. Transformação.

Abstract

This article aims to describe the process of cultural changes that have occurred in the town of Short-Marajo. Showing the impact on daily life, customs and relations between the townspeople to the local culture, and the factors behind these changes, reporting that they were and still are the fruits of capitalist economic process in deploying location not developed, since these targets of the implementation of large economic enterprises, due to regions such as Brief, they are characterized as a center of labor and raw material producing at low costs.

Keywords: Culture. Local Economy. Transformation.

¹ Estudante. Universidade Federal Pará - Campus Universitário do Marajó-Breves. leninhag3@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Para termos um melhor entendimento acerca da temática proposta devemos ter conhecimento do que vêm à ser cultura, para Hoebel (1966?, p. 208),

[...] cultura é algo mais do que um conjunto de formas isoladas de comportamento. É a soma total, integrada, das características de comportamento aprendido que são manifestas nos membros de uma sociedade [...].

Ainda nos remetendo ao que vêm à ser cultura, para um melhor esclarecimento do termo, “[...] cultura é integralmente o resultado de invenção social, e pode ser considerada como herança social, pois é transmitida por ensinamento a cada nova geração” (HOEBEL, 1966?, p. 208-209).

Partindo dessas colocações, nos remetemos à uma questão: o que configura uma cultura? Ainda de acordo com o referido autor (1966?, p. 218),

O que dá configuração a uma cultura é o delineamento de seus contornos modelados segundo a inter-relação de todas as suas partes. Essa configuração pressupõe a integração interna de todas as suas partes. [...] a integração interna de acordo com certos princípios básicos e dominantes, ou sistemas de valores [...] (*sic*).

Com isso entendemos que cultura, não são somente os costumes que uma dada sociedade/povo desenvolve no momento, mas é algo existente no interior de cada sociedade, que liga todos os seus membros de tal maneira que interliga-os e os faz agir/pensar com uma dada especificidade, sendo que isso tudo é repassado através da reprodução do conhecimento adquirido de geração em geração. Assim, daremos início a uma discussão acerca do processo de transformação cultural da sociedade brevese e os fatores que impulsionaram essa transformação.

2. BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BREVES

Breves, do título de sesmaria² (em 19 de novembro de 1738, concedida para Manoel Maria Fernandes Breves pelo capitão-general João de Abreu Castelo Branco, sendo que somente foi sancionada esta transição, pelo rei de Portugal, em 30 de novembro de 1740) passou a ser engenho (que, com o crescimento do número de habitantes, foi solicitado ao então capitão-general José de Nápolis Tello de Menezes que concedesse a este o título de lugar, onde através de uma portaria de 20 de outubro do mesmo ano, passou a ser Santana dos Breves, incluindo, também, terras das cidades, hoje, denominadas Melgaço e,

² Segundo Monica Diniz (2005), “as sesmarias eram terrenos incultos e abandonados, entregues pela Monarquia Portuguesa [...] às pessoas que se comprometiam a colonizá-la dentro de um pra previamente estabelecido”.

posteriormente de Portel, ou, como ficou conhecida na época, “Lugar dos Breves”) e, posteriormente, com a aprovação da Lei Provincial nº 172 no dia 30 de novembro de 1850, foi-lhe conferido o caráter de “freguesia³”, esta com o nome de Nossa Senhora dos Breves. Em 25 de outubro de 1851 foi elevada à categoria de Vila (ORDEM PA), e, por conseguinte,

A elevação da Vila de Breves à categoria de cidade deu-se em 2 de novembro de 1882, através da lei nº 1.079 [...]. Em 10 de novembro de 1909, a Lei estadual nº 1.122 concedeu em caráter definitivo o foro de cidade à sede municipal (PREFEITURA BREVES).

Assim, nasceu a cidade que hoje conhecemos. Esta passou por muitas “fases” sociais, econômicas e culturais, este artigo, por sua vez, irá aprofunda-se nas mudanças culturais, mudanças, estas, ocorridas com o passar do tempo na identidade cultural da sociedade brevese, sendo frutos, em maior propulsão, de mudanças econômicas.

De acordo com relatos de moradores antigos da cidade, em certo ponto da história (entre 1950 a 1980) do município, havia o que podemos distinguir como: união comunitária⁴, pois, por exemplo, quando haviam as manifestações culturais (festividade de Nossa Senhora de Santana⁵, Círio de Nazaré⁶, dentre outras) todos ou a maioria da população reuniam-se nos respectivos locais para, juntos, comemorarem/festejarem, vale ressaltar que estas festividades ocorriam com a cooperação de todos os festeiros (já que cada um cooperava com comidas, fantasias, artesanatos, enfim, todos os “ingredientes” necessários para a realização da festa).

Outra expressão da cultura brevese foi a cultura do arroz de várzea⁷, sendo que esta trouxe para o município reconhecimento como grande produtora do referido produto, todavia,

na década de 70, e até a primeira metade da década de 80, a rizicultura ocupou um importante papel, mas devido à ausência de incentivo governamental e dificuldade de obtenção de crédito, atualmente a área colhida de arroz no município de Breves não corresponde nem a 10% da área colhida há 20 anos atrás, [...]. Em 1974, segundo o IBGE, a produção de arroz colhida em Breves foi

³ Nomenclatura atribuída a um pequeno povoado.

⁴ Como o número de habitantes era bastante reduzido, todos estes eram mais próximos um dos outros, fazendo houvesse uma maior proximidade entre todos os moradores da cidade.

⁵ “As festividades se iniciam no segundo sábado do mês de julho, com a realização de novenas na igreja Matriz, de noitadas na Barraca da Santa, arraial em torno do templo e a participação de centenas deromeiras da zona rural e dos municípios vizinhos. A Homenagem se encerra com a realização de uma procissão que percorre as principais ruas de Breves” (*ALVO PESQUISA*).

⁶ “A procissão em Breves reúne milhares de pessoas, em lento cortejo de três horas, saindo da Igreja Matriz de Santana percorrendo ruas e avenidas da cidade até a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. No município de Breves, na Ilha do Marajó, a Paróquia Sant’Ana tem mantido sua tradição religiosa desde 1934 ao realizar, no 2º domingo de novembro, o Círio de Nazaré” (*CATÓLICOS EM BREVES*).

⁷ “Segundo dados do IDESP (1991), a cultura de arroz de várzea já representou cerca de 40% da área cultivada em Breves. Em 1973, havia cerca de 5.000 hectares de arroz cultivados nesse município, porém em 1986 houve uma redução para 200 hectares” (HERRERA, 2003, p. 41).

de 3.600 toneladas, mas em 1995 não ultrapassou as 360 toneladas. (HERRERA, 2003, p. 41),

também, podemos citar como outras expressões de cultura, no âmbito de produção para manutenção da subsistência dos habitantes, a extração do palmito, açaí e a agricultura familiar⁸, esta última sendo uma medida sustentável de subsistência e de produção de renda (ressaltando, que na agricultura familiar a distribuição de renda ocorre entre os habitantes da mesma região e o desenvolvimento econômico é todo voltado para a localidade, este não escoando para outras regiões como ocorre quando há a implantação dos grandes empreendimentos).

Levando em consideração estas informações, surge-nos a pergunta: como um povo unido (comunidade) poderia perder esses traços que outrora eram tão cultivados?

3. ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS DA CULTURA EM BREVES

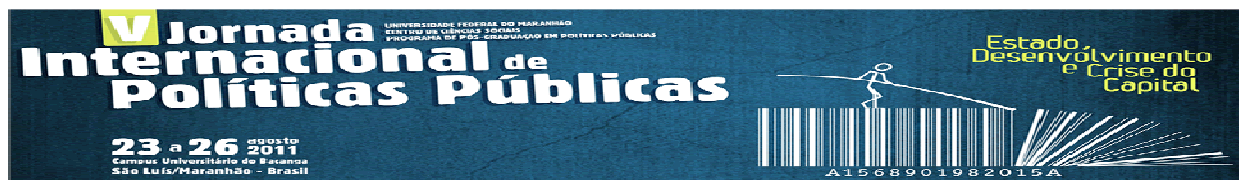
Na década de 80, houve a “chegada”, ou melhor, a retomada da indústria madeireira⁹ no município, com isso, foi apresentada aos moradores outra “alternativa” de subsistência, logo o comércio local desenvolveu-se e a cultura do consumismo (mesmo em baixa escala) foi propagada para com os habitantes da cidade. Essa mudança (econômica) trouxe o que podemos chamar de “aculturação¹⁰” e, por conseguinte, acarretando certas perdas da cultura brevese.

Isso se dá devido aos “benefícios” (como os da modernidade, de poder acessar instrumento e/ou objetos que outrora não poderiam ser acessados, pois a cidade não possuía um comércio capaz de fornecê-los) com os quais esta nova forma de economia vem para a região, concordando, assim, com Violeta Loureiro (2002, p. 115), pois ela diz que os

⁸ “[...] a maior participação de Breves na produção de lavoura temporária se dá com o cultivo da mandioca, representando uma média de 30% da produção da mesorregião nos últimos 4 anos da série histórica, chegando em 1996 a possuir 92% da área colhida de mandioca em propriedades com menos de 100 hectares, o que demonstra a importância dessa cultura temporária para a agricultura familiar” (HERRERA, 2003, p. 42).

⁹ Ressaltando que essa atividade, supostamente traz o progresso para a região, quando na verdade ocorre o contrário, como relata Herrera (2003, p. 44): “Na região do Marajó, particularmente na área Furos de Breves, há grande exploração da madeira. A vegetação nativa apresenta muitas espécies comerciais como: Ucuuba (*Virola surinamensis*), Andiroba (*Carapa guianensis*), Angelim Pedra (*Hymenolobium prdraeum*), dentre outras. Essa riqueza vegetal transformou-se em uma atividade de exploração econômica para abastecer tanto os mercados local, regional, e nacional quanto o internacional. São diversas as conseqüências advindas da exploração da madeira, podendo ser exemplificadas em várias dimensões: crescimento demográfico; instalação de serrarias na região; alteração da cobertura vegetal e esgotamento de determinadas espécies vegetais – expansão da fronteira de desmatamento; acentuação da apropriação de terras por empresas privadas; intensiva exploração dos trabalhadores”.

¹⁰ Ocasão onde há uma espécie de “fusão” entre duas culturas, sendo que desta “fusão” pode haver o nascimento de uma nova cultura, de novos costumes ou simplesmente de uma cultura que venha a apresentar traços, crenças, costumes das culturas primeiras, decorrendo deste fato mudanças significativas em uma ou nas duas culturas envolvidas (KNOOW NET).



empreendimentos econômicos que instalam-se em uma região, como Breves, vêm com “promessas” de melhorias para a condição de vida da população local, acesso à bens e serviços mais modernos, melhores condições financeiras, dentre outros supostos benefícios, e com isso a população vai mudando gradativamente os seus costumes (vão adotando outros novos e acabam esquecendo-se dos seus tradicionais), começando, por exemplo, pelo trabalho, posteriormente, vão ter novos “gostos” e com isso vão mudando seus costumes, incorporando grande parte da “nova cultura”.

Tomando conhecimento disso, percebemos que ao se falar em cultura na cidade (e em muitos outros lugares) vemos que a primeira ideia de cultura (mencionado anteriormente) foi totalmente deturpada, neste ponto concordo com José Luiz dos Santos (2006, p. 22) quando este fala que “[...] ao se falar na cultura da nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema a televisão”, vemos assim, que o que se tem por cultura, hoje, é algo totalmente diferente de anos atrás na cidade, fazendo com que a cultura torne-se o que os meios de comunicação propagam.

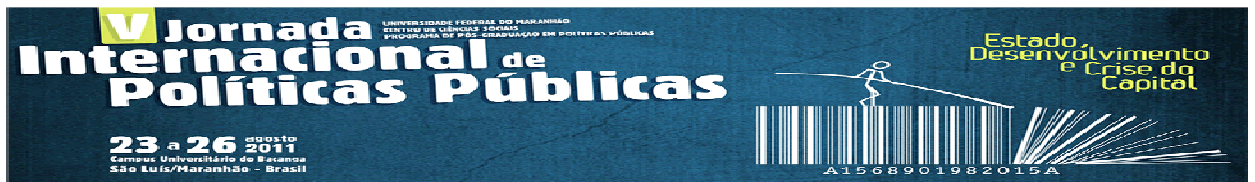
Vale ressaltar que José Luiz (2003, p. 22-23) menciona que para se ter um melhor entendimento sobre o tema cultura e obter um produtivo estudo sobre o tema, temos que ter em mente duas concepções básicas, sendo que

a primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo.

Com isso, o que os habitantes locais defendiam ou eram adeptos antes não sendo deixadas para traz (como as crenças, festas, plantações) e não defendendo o “seu” novo modelo/padrão de vida, defendendo, assim, aos que vieram explorar e tirar a sua riqueza e impor a sua identidade, como diz Violeta Loureiro (2002, p. 114):

Por fim [...] depois de perdidas a identidade e o modo de vida tradicional [...] tendo sido desestruturada sua forma de vida e trabalho anteriores, à falta de outras alternativas, engajam-se em atividades predatórias (como a exploração da madeira [...]) e passam, eles também, a defendê-las, já que constituem-se agora no seu novo meio e modo de vida.

Porém, sabemos que estes novos empreendimentos ao virem para a região vem com promessas, como mencionado anteriormente, não esquecendo de mencionar que estes vem com o aval do Governo, devido este “acreditar” na lógica de que os empreendimentos vão trazer muitos benefícios para à região, isso tudo à longo prazo, no entanto o que vemos,



com o passar do tempo, é que estes vem unicamente explorar, tirar a riqueza local, sendo que o que é produzido não fica, nem na sua mínima parte, na localidade da qual foi retirada.

Vale ressaltar, que estes têm preferências por regiões como Breves, por motivos de obtenção de mão de obra barata, maiores incentivos fiscais e matéria-prima a baixíssimo custo, não esquecendo de lembrar que isso ocorre devido o preconceito que perdura até os dias de hoje sobre o homem amazônida, tendo este como inferiores, como podemos perceber em uma análise mais ampla nas palavras de Loureiro (2002, p. 118):

[...] ao conceber povo e natureza da região como primitivos, tribais e atrasados, [...] submetem o homem da Amazônia em geral a um conflitivo processo econômico que não respeita a cultura e o homem da região. Ao contrário disso, desenraíza o homem, empurrando-o como marginalizado para as periferias das cidades. Na Amazônia, o modelo econômico, além de ser gerador de enormes conflitos sociais, entra em choque com as populações naturais da região ao destruir sua forma de vida, seu ambiente natural e sua identidade cultural. O modelo procura repetir experiências históricas que deram certo noutros países, noutros tempos, noutros contextos culturais e naturais, mas que não são adequadas à nossa região.

De acordo com relatos de moradores mais antigos da cidade que presenciaram boa parte desse processo de transformação cultural, é perceptível a sensação de estranhamento ao que é apresentado/adotado hoje como costumes e/ou expressões culturais e como às tradicionais expressões são compartilhadas com a juventude local, causando, assim, nessas pessoas o que ocorre numa análise mais profunda feita por Loreiro (2002, p.118)

[...] como consequência de séculos de exploração e abusos, restou hoje uma estranha sensação de sermos estrangeiros: a sensação de vivermos num lugar desconhecido para nós, lugar onde o outro, o de fora, continua a nos apontar o tipo de cultura desejável para nós, aquilo que devemos valorizar, que coisas devemos explorar, a que sonhos devemos aspirar e o que devemos esperar como futuro. É essa pesada história de esmagamento da identidade cultural dos habitantes da região que nos faz sentir, hoje, como estrangeiros vivendo em nossa própria terra.

Posteriormente, a referida autora coloca que

Somente passando a ser o sujeito de sua própria história, e não o objeto de uma história definida e escrita pelo estranho à região, é que o homem da Amazônia poderá reencontrar ou recriar sua identidade perdida, usufruir de uma verdadeira liberdade político-cultural e assim traçar seu próprio destino, para viver como um ser moderno, integrado à natureza e à sua própria cultura, construindo uma história da Amazônia também, ou principalmente, para sua gente (LOUREIRO, 2002, p. 120).

Percebemos, assim, que, no decorrer do processo histórico da sociedade brevesense houve a perda de certos (muitos) traços culturais, ocorrendo com isso, de início, uma modificação apenas nos hábitos locais, e, posteriormente, ocorrendo uma transformação na cultura brevesense, pois, como bem coloca Murdock (1966?, p. 293), "A cultura é produto da

aprendizagem, mais que da hereditariedade. As culturas do mundo são sistemas de hábitos coletivos [...]”. Partindo desse ponto, é válido concluir que, no decorrer do processo histórico, ocorre, sim, a perda de traços culturais devido às transformações na cultura que outrora existia.

Assim, entendemos que, com o “advento” de um novo modelo de “cultura economica”, e, por conseguinte, a alteração no poder aquisitivo e o contato com a modernidade tecnológica, acarretou no que o Murdock (1966?, p. 295) denomina de “inovações culturais”, devido

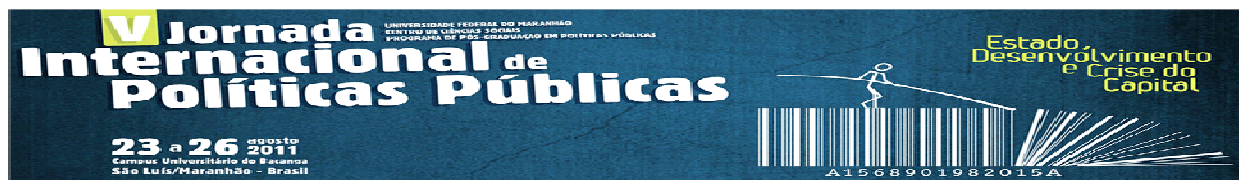
as mudanças no comportamento social e, conseqüentemente, na cultura, originam-se normalmente em alguma alteração significativa nas condições de vida de uma sociedade. Qualquer acontecimento que modifique as situações sob as quais ocorre o comportamento coletivo, de modo a desestimular ações habituais e dar preferência a novas respostas, pode conduzir a inovações culturais.

Em outras palavras, “no que concerne à preservação dos valores artísticos e culturais da região, Breves enfrenta a falta de apoio popular para suas manifestações, o que torna árduo o seu desenvolvimento”¹¹, ou seja, nos deparamos com Breves em sua transformação cultural.

4. CONCLUSÃO

Assim, nos remetendo ao conceito de cultura do qual partimos inicialmente, como sendo “algo existente no interior de cada sociedade, que liga todos os seus membros de tal maneira que interliga-os e os faz agir/pensar com uma dada especificidade, sendo [...] repassado através da reprodução do conhecimento adquirido de geração em geração”, percebemos que é válido colocar que a cultura brevensense, sim, passa por um processo de transformação causado, como colocamos, por mudanças advindas do âmbito econômico brevensense.

Da mesma maneira que colocamos inicialmente, em Hoebel (1966?, p. 218), acerca da configuração de uma cultura, quando este coloca que isso pressupõe à uma espécie de relação interna de todos os setores constituintes desta, vemos que, no que cerne à Breves, apenas um setor obteve maior influencia para com os demais setores – social, cultural e econômico – da cidade, devido ao adentramento de grandes empreendimentos na localidade e a não preparação da população para lidar com esse impacto, já que antes



deste “boom desenvolvimentista local” a população não tinha acesso aos bens de consumo que passaram a ter com este.

Percebemos que mesmo Breves possuindo um potencial econômico, que também se configurava como cultural, a cultura do arroz de várzea, por descuido, em muitos casos, do poder público e, também, com a ausência de investimentos nesse setor, foi mais um potencial cultural-econômico e sustentável local que não foi devidamente desenvolvido.

Podemos ainda elencar as outras culturas locais de potencial tanto econômico (açai, palmito, agricultura familiar – sendo também sustentáveis) como no social (as festividades, manifestações culturais que hoje não mais são desenvolvidas, ou as que hoje enfrentam grandes dificuldades para sua realização e quando ocorrem tem pouca visibilidade) que não são mais realizadas, ou quando são, são quase imperceptivas, devido ao descaso do Estado perante à estas potencialidades locais.

Assim, nos deparamos com as transformações culturais ocorridas na cidade de Breves-Marajó, quando esta passou de uma cidade com uma população que preservava as tradições em seus pequenos detalhes para uma localidade onde, não estando preparada para mudanças radicais ocorridas em seu meio, cultura se associa ao que se pode ter/consumir, uma cidade que absorveu para si uma cultura onde temos que nos guiar, desenvolver, gostar e praticar o que é parte de outra cultura, fazendo com que tenhamos, hoje, uma Breves com sua cultura totalmente transformada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

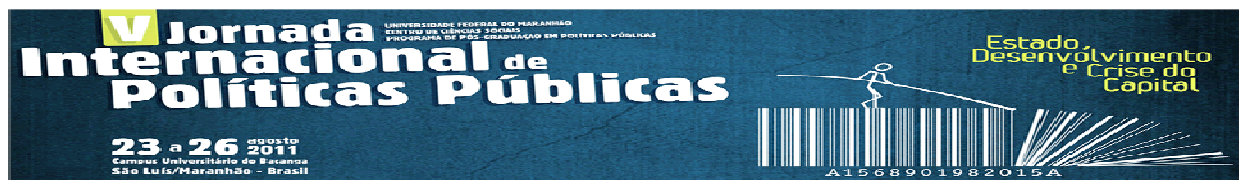
DINIZ, Mônica. **Sesmarias e posse de terras: política fundiária para assegurar a colonização brasileira.** Revista História. Edição nº 2, jun/2005. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao02/materia03/>>. Acesso em: 25/04/11.

HERRERA, José Antônio. **DINÂMICA E DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DE VILA AMÉLIA – BREVES/ PARÁ.** (Curso de Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável). 2003.

HOEBEL, E. Anderson. A NATUREZA DA CULTURA. In In SHAPIRO, Harry L. **Homem cultura e sociedade.** Editora Fundo de Cultura. 1966?.

LEÃO, Dione. **REVIVENDO NOSSA HISTÓRIA – Um estudo sobre os bairros de Breves – Marajó – Pa.** Editoração Eletrônica: Jorge Boldrein, 2009.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir.** Estudos Avançados 16 (45), 2002.



MURDOCK, George Peter. COMO A CULTURA SE MODIFICA. In SHAPIRO, Harry L. **Homem cultura e sociedade**. Editora Fundo de Cultura. 1966?.

SANTOS, José Luiz dos. **O QUE É CULTURA**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos: 110).

Sites:

Disponível em: <http://portalamazonia.globo.com/pscript/amazoniadeaaz/artigoAZ.php?idAz=577>>. Acesso em: 21/05/10.

Disponível em: <http://www.knoow.net/ciencsocioiaishuman/sociologia/aculturacao.htm>>. Acesso em 25/04/11.

Disponível em: <http://catolicosembreves.blogspot.com/2009/11/cirio-de-nazare-em-breves-2009.html>>. Acesso em 25/05/2010.

Disponível em: <http://catolicosembreves.blogspot.com/2009/07/catolicos-em-breves-homenageiam-santana.html>>. Acesso em 25/05/2010.

Disponível em: <http://www.alvopesquisa.com.br/breves.asp>>. Acesso em 25/05/2010.

Disponível em: http://www.prefeiturabreves.pa.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=63&Itemid=75>. Acesso em 25/05/2010.

Disponível em: http://www.ordem-pa.org.br/nosso_para_mostrar.asp?Codigo=74>. Acesso em 25/04/2011.